



Africanos e afro-brasileiros na História do Paraná: identidade e memória

Joseli Maria Nunes Mendonça¹

Retomam-se aqui algumas considerações feitas por Michael Pollak, no artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio*, publicada já há algum tempo. Nesse escrito, o historiador austríaco observa que a memória não se constitui por meio de um processo unívoco. Ao contrário, esse processo está implicado de múltiplas perspectivas, é resultado de luta e conflito. Por isso, a memória produzida nunca será uma síntese, nunca será uma resultante pacífica. Ela expressará aspectos considerados relevantes por parte da sociedade que a produziu; aquela que se sobrepôs a outras, a que foi capaz de ditar o que dizer, o que silenciar, o que lembrar, o que esquecer. Por isso, para Pollak, as memórias coletivas organizam-se com objetivo de expressar “a imagem que o Estado ou a parte majoritária de uma sociedade [poderíamos dizer hegemônica] deseja impor” (POLLAK, 1992, p. 8). Essa imagem, que se produz por meio de um trabalho de “enquadramento da memória”, diz Pollak, alimenta-se da história. É na história que se fundamenta. É dela que resulta.

O historiador austríaco desenvolve essas reflexões a partir de alguns contextos específicos da história da Europa oriental e ocidental no século XX. Um deles diz respeito ao processo de enquadramento da memória produzida pelo stalinismo; outro, ao de encarceramento de judeus alemães e austríacos nos campos de concentração nazistas. Não se pretende aqui aprofundar a abordagem de Pollak em relação a esses contextos². O que se pretende aqui, ao contrário, é buscar nas considerações de Pollak um substrato para refletir sobre a relação entre história, memória e a produção de uma identidade regional no Paraná, indagando, principalmente, o que se diz e o que se cala nesse processo de constituição da memória por meio da história, e da produção de uma identidade por meio da memória constituída.

História do Paraná: imigração e identidade

Essa identidade paranaense está relacionada a uma memória oficial constituída desde o final do século XIX, que esteve — e em grande medida ainda está — fundamentada na formação populacional da região, identificada como resultante do processo de imigração europeia.

Desde meados do século XIX, quando foi emancipada a porção meridional da Província de São Paulo — a sua 5ª Comarca —, constituindo a província do Paraná, a importância da presença europeia na formação da população local vem sendo ressaltada, primeiramente como parte de um projeto de povoamento, ocupação e civilização da região. Àquele tempo, autoridades públicas provinciais consideravam que a

¹ Graduada (1989), mestre (1996) e doutora (2004) em História pela Universidade Estadual de Campinas. É professora Universidade Federal do Paraná.

² Sugere-se a leitura do referido artigo de Pollak para outras informações.

introdução de imigrantes poderia realizar o preenchimento do que julgavam que fossem “vazios demográficos”, vistos como empecilho dos mais importantes para o desenvolvimento da província. Posteriormente, no final do século XIX e na primeira metade do século XX — período de grande afluxo de estrangeiros para a região —, um movimento de cunho artístico, político e ideológico de grande envergadura e fundamental na constituição da identidade da região — o Paranismo — deu contornos ainda mais nítidos à imagem de um Paraná europeizado (BEGA, 2013; PEREIRA, 1997 e OLIVEIRA, 2009). Intelectuais de muita projeção, como Romário Martins e Wilson Martins, elaboraram uma narrativa histórica na qual a presença de imigrantes europeus destacava-se como elemento central para a constituição populacional no Paraná e para a definição da identidade paranaense (MARTINS, 1995 e 1941; MARTINS, 1989). A importância da imigração europeia para a história da região foi ressaltada também pela produção de pesquisadores da Universidade Federal do Paraná que, notadamente a partir da década 1960, propondo uma revisão crítica da produção sobre a história local, elaboraram uma extensa agenda de pesquisas demográficas, buscando coligar séries documentais que as viabilizassem. Problematicando sobretudo a preservação de elementos culturais dos vários grupos migratórios e as dinâmicas grupais de autopreservação, tais pesquisas tenderam a destacar as experiências e relações estabelecidas no interior de um grupo de origem específica — os ucranianos, os poloneses, os alemães (ANDREAZZA, 1999; BOSCHILIA, 2004; NADALIN, 2000; WACHOWICZ, 1977).

Os parâmetros definidores desta história regional não ficaram confinados aos ambientes intelectuais ou à universidade. Eventos relacionados às comemorações do centenário da criação da província podem elucidar a maneira e a força com que foram conformados no processo de “enquadramento da memória” e na elaboração da identidade local.

História e identidade nas comemorações do Centenário: a história contada em uma praça curitibana

Dentre os tantos projetos realizados por ocasião das comemorações do centenário da emancipação do Paraná, desde 1953, um dos que mais evidencia o trabalho de utilização da história para enquadrar a memória é o relacionado aos monumentos instalados na Praça 19 de Dezembro, em torno dos quais se estabeleceram acalorados debates envolvendo a identidade paranaense. Um desses monumentos, inaugurado em 1955, é o painel com dupla face, nas quais está narrada com imagens a história do Estado. Uma das faces do painel foi confeccionada em baixo relevo no granito por Erbo Stenzel e Humberto Cozzo. O primeiro, um grande artista curitibano; o segundo, um renomado escultor paulista, radicado no Rio de Janeiro (CAMARGO, 2005). Nessa face do painel, está representada uma narrativa que enfatiza as atividades econômicas: a mineração no litoral, o tropeirismo, o extrativismo vegetal, a produção cafeeira. Alguns detalhes da obra permitem observar os personagens destacados.



Figura 1 – Painel de Stenzel e Cozzo

Fonte: <http://www.arteseed.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/1/painel_erbo.png>.

Na história narrada por Stenzel e Cozzo, recebem destaques os bandeirantes, os indígenas — aparentes na imagem apresentada — além de imigrantes e trabalhadores nos cafezais do norte paranaense, representados nessa outra parte do painel.

Esses mesmos personagens juntam-se a outros na face do painel elaborada por Poty Lazarotto em azulejos azuis e brancos.



Figura 2 – Painel de Lazarotto

Fonte: <<http://www.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=299>>.

Como na obra de Stenzel e Cozzo, alguns personagens são eleitos como representativos da história do Paraná: os indígenas, os jesuítas na ação catequizadora junto à população indígena, os bandeirantes, os tropeiros, os jangadeiros e indígenas que desbravaram e expandiram o território pelos rios, os imigrantes.

Percorrendo os murais da 19 de dezembro, rapidamente o observador percebe que da história representada por Stenzel, Cozzo e Poty Lazarotto não fazem parte a escravidão, os africanos ou a seus descendentes.

Em outra circunstância, relacionada a outro monumento da praça, essa presença foi não somente silenciada, mas deliberadamente negada, não exatamente pelos artistas que a compuseram, mas por aqueles que olharam para a obra: *o Homem Nu*, exposta a partir de 1855 na Praça Dezenove de Dezembro.



Figura 3 – O homem nu

Fonte: Adilson Moreira.

Segundo afirmou a historiadora Aparecida Bahls (2006), a forma final da escultura foi uma imposição de Stenzel ao governador Munhoz da Rocha, que havia idealizado um conjunto, a ser colocado diante do palácio do governo, formado por 21 estátuas, cada uma correspondendo a um estado do Brasil; diante de todas estaria um jovem dando um passo à frente, simbolizando o Paraná. De acordo com a mesma autora, Stenzel teria considerado a ideia artisticamente inviável, sugerindo uma estátua apenas, colocada no centro da Rua Cândido de Abreu, na praça “do centenário”³.

³ A Stenzel foi também encomendada uma estátua para ser colocada defronte o Palácio da Justiça. Projetada por Stenzel mas confeccionada por Cozzo, a chamada Mulher Nua nunca foi exposta no local a que estaria destinada. Depois de ficar por anos

Assim, *o Homem Nu*, planejado por Stenzel, mas realizado por Cozzo, ficou um tanto diferente do que havia idealizado inicialmente o governador Munhoz da Rocha. Não somente por estar desgarrado do conjunto que ele planejara a princípio, nem só pelo local em que fora colocado, mas possivelmente pela aparência que tomou na criação do artista. Ao invés de expressar “características regionais” — que para o governador estavam relacionadas à “gente loura de olhos azuis”⁴, a escultura tinha traços que lembravam africanos; embora de proporções monumentais, não representava um homem esguio.

Os descontentamentos em relação à escultura expressaram-se de várias formas e tiveram variadas motivações, mas foram todas muito contundentes. Algumas delas podem ser acompanhadas pelas opiniões expressas para o jornal *O Dia* que, em 7 de julho de 1955, publicou a opinião dos consultados em relação ao monumento. O professor Nilo Brandão — que então lecionava na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (atual UFPR) — segundo o jornal, havia declarado que considerava a imagem exposta “um monstro”; o presidente do Clube Curitibano — Ivan F. do Amaral⁵ — assim teria se expressado: “aquilo não tem classificação! Sinto enjoo de estômago quando o vejo!”. Para David Carneiro, “um simples bloco de granito” representaria mais o Paraná do que o monumento em relação ao qual opinava. E, ao argumentar sua opinião, ele explicitava claramente que seu descontentamento derivava do fato de a obra não conter elementos da identidade que ele queria preservar para o homem paranaense: “aquilo não representa coisa nenhuma”, dizia ele; “não significa coisa alguma, e muito menos o adolescente ou o homem deste Paraná dolocéfalo, loiro e belo” (*O DIA*, 7 de julho de 1955). Era como se a escultura, para os críticos, destoasse das narrativas constituídas nos murais. As reações ao homem colocado no centro da praça, assim, de alguma forma, puseram a nu a negação do que havia de não europeu no passado do Paraná.

Identidade reiterada

A identidade associada à origem europeia da população local é reavivada cotidianamente pela maneira como a cidade, e por extensão o Estado, apresenta-se. Alguém que queira conhecer a formação histórica da população de Curitiba consultando o “perfil” da cidade, apresentado na página eletrônica da sua Prefeitura, será informado de que dois grupos sociais a formaram: os tropeiros e os imigrantes⁶. Um turista que percorra a cidade a bordo do ônibus que o levará aos pontos turísticos, vai poder visitar vários desses parques e bosques.

O roteiro evidencia que os locais que remetem à formação populacional incluem na paisagem os alemães, italianos, poloneses, ucranianos e árabes. Nenhum local faz menção à presença da população de origem africana na formação da população local.

escondida no pátio do Palácio do Governo, na década de 1970 foi colocada ao lado do Homem Nu, na Praça Dezenove de Dezembro (CAMARGO, 2005). A incompatibilidade estética entre as obras — apesar do estilo e da nudez das duas — é evidente para quem as observa lado a lado.

⁴ ROCHA NETO, Bento Munhoz. No “Discurso pronunciado sessão de instalação da comissão de comemoração do centenário”. O governador referiu-se ao Paraná: “Isto aqui tem características regionais nossas, específicas. Temos manchas louras; gente loura de olhos azuis, mas que é tão brasileira quanto aquela que mais o seja”. *Revista Ilustração Brasileira*, dezembro de 1953.

⁵ Segundo informação do próprio clube, na Galeria de Presidentes da entidade. Disponível em: <http://www.clubecuritibano.com.br/galeria_de_presidentes.php>. Acesso em: 24 fev. 2016.

⁶ Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>>. Acesso em: 20 fev. 2015. Este mesmo texto foi localizado e interpretado em 2011, de maneira semelhante à que faço aqui, por COSTA, Hilton. *Ilusão de ótica: presença negra e imigração para o sul do Brasil nas análises de Raymundo Nina Rodrigues e Sílvio Romero*. Anais do 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Porto Alegre: 2011. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/costa%20hilton.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.



Figura 4 – Rota da Linha Turismo de Curitiba

Fonte: <<http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha-turismo>>.

Emergência das memórias subterrâneas

No mesmo escrito em que explica o trabalho de “enquadramento da memória” — com a qual a constituição da memória regional aqui tratada foi associada —, Pollak (1989) trata das memórias “subterrâneas”, as “memórias clandestinas” como o mesmo autor as denomina. São memórias dominadas, silenciadas, mas não mortas porque se sustentam por lembranças transmitidas por redes de sociabilidades afetivas e/ou políticas: família, grupos religiosos, associações, coletivos de militância, entre outros. A emergência dessas memórias relacionadas à ascendência africana em Curitiba está relacionada à intensificação da mobilização desses grupos, às políticas públicas que vêm tornando menos desigual o acesso dessas pessoas a espaços anteriormente interditados. São memórias que se expressam por meio de práticas que, sem visibilidade por muito tempo, vêm cada vez mais ocupando os espaços públicos, para afirmação de identidade e geração de empoderamento.

Um exemplo é a lavagem das escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito, realizada desde 2011, na semana da Consciência Negra, especificamente no 20 de novembro.



Figura 5 – Divulgação da Festa do Rosário

Fonte: <<https://informativo-centro-cultural-humaita.wordpress.com/2016/09/21/preparativos-da-festa-do-rosario-2016/>>.



Figura 6 – Lavação das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito I

Fonte: <<http://lugaresdeaxe.org/index.php/lugares/>>.



Figura 7 – Lavação das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito II

Fonte: <<http://lugaresdeaxe.org/index.php/lugares/>>.

Outro exemplo dessa emergência é a resignificação que grupos religiosos de matriz africana vêm fazendo das gameleiras da Praça Tiradentes. Consagradas desde a década de 1980, o espaço das gameleiras foi a partir de então destinado a práticas religiosas realizadas, muitas vezes, de forma silenciosa. Cada vez mais, entretanto, essas práticas e manifestações têm se tornado públicas e reivindicado o direito de se expressarem dessa forma.



Figura 8 – Grupos religiosos de matriz africana ocupando a Praça Tiradentes, em Curitiba

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xB6k7q_fz9s>.

Para finalizar, não propriamente uma conclusão, mas talvez a provocação de um recomeço, considerando que o processo de emergência dessas memórias tem suscitado a necessidade de uma reconfiguração da identidade e dos lugares que são não somente de preservação, mas de produção de memória — os museus, os arquivos, os monumentos nas praças públicas. Esta reconfiguração é necessária, para que, de alguma forma, expressem as representações que foram mantidas clandestinas por tanto tempo e que agora afloram de maneira premente. Porque, como considerou Pollak, o historiador que inspirou essa comunicação, “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é, de saída, reconhecer a que ponto o presente colore o passado” (POLLAK, 1989).

Referências

- ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias**: um estudo da imigração ucraniana – 1895-1995. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. “Símbolos e monumentos: as comemorações de emancipação política do Paraná nos logradouros de Curitiba”. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v. 1, n. 14, jun. 2006.
- BEGA, Maria Tarcisa. **Letras e política na Paraná**: simbolistas e anticlericais na República Velha. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.
- BOSCHILIA, Roseli (org). **Reconstruindo memórias**: os poloneses do Santo Inácio. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.
- CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. Esculturas Públicas em Curitiba e estética autoritária. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 25, p. 63-82, 2005.
- MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MARTINS, Romário. **Quantos somos, quem somos**. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Imigrantes de origem germânica no Brasil**: ciclos matrimoniais e etnicidade. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

WACHOWICZ, Ruy. **Tomás Coelho**: uma comunidade camponesa. Curitiba: Real Artes Gráficas Ltda., 1977.

OLIVEIRA, Márcio de. Por uma sociologia do Brasil Meridional. In: OLIVEIRA, Márcio; ZWAKO, José Eduardo Leon. **Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná**. Curitiba: Editora UFPR, 2009. p. 17-29.

PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. **Paranismo**: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da Primeira República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n 10, 1992.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Imigração**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>>. Acesso em: 20 fev. 2015.